

Em relação à entrevista concedida na passada terça-feira, dia 21 de Janeiro, pelo ex-Presidente da Associação Académica de Coimbra, ao Jornal de Notícias, entende a Direcção Geral Provisória ser necessário uma tomada de posição que desmigmatize perante todos os estudantes progressistas e o povo português, as afirmações que aí foram feitas.

Um aspecto que realça da entrevista, é a tentativa feita pelo Sr. ex-Presidente de confundir as justas lutas revolucionárias travadas pelos estudantes nos últimos tempos, com uma pretensa campanha anti-~~xxx~~ comunista, a que certos sectores de estudantes "pouco esclarecidos" teriam sido sensíveis. O que Sr. ex-Presidente não disse foi qual tinha sido a posição da anterior Direcção Geral em relação a esses importantes processos de luta, encetados após o 25 de Abril. Então, Sr. Carlos Amorim, já não se lembra da posição defendida pela Direcção a que pertence, quando os estudantes decidiram abolir os exames, por estes constituírem um marco fundamental da selecção e repressão do caduco ensino de burguesia fascista? Foi acusada esta justa aspiração de lançar o "caso pedagógico" nas escolas, o que... "serviria os objectivos da reacção." Os milhares de estudantes que tomavam esta decisão eram, assim rotulados, de reacçãoários, "anti-comunistas" como diz o Sr. ex-Presidente. E em relação ao saneamento de fascistas? Alguma vez a ex-Direcção defendeu que o saneamento fosse decidido em amplas reuniões de estudantes, onde se denunciasses as actividades dos fascistas, para em seguida se levar à prática o seu efectivo saneamento pelas massas? A posição da ex-Direcção era, pelo contrário, a de apelar para que se ~~xxxxxxx~~ fornecessem elementos a umas tais "comissões de inquérito" que durante muito tempo nada de concreto apresentaram. Quando notórios fascistas foram expulsos à força das escolas, ninguém viu nenhum dos ex-dirigentes da A.A.C., pois que isso era capaz de... "servir a reacção".

No que diz respeito às campanhas de alfabetização, Sr. ex-Presidente, pois bem, também nós pensamos que são de interesse "geral" e que iriam beneficiar e elevar os conhecimentos do povo. Agora o que já não concordamos é com o modo como vocês as conduziram e controlaram e ~~xxxx~~ ~~xx~~ com o carácter pseudo-progressista que vocês lhe deram. As vossas campanhas de alfabetização não passam de uma maneira geral, de um pasatempo festivo aproveitado pelos "senhores ~~xxxxxxx~~ doutores" veraneantes da cidade para ir passar férias ao campo. É de notar porém, que ainda houve algumas brigadas que arranjaram tempo para, nos intervalos, ensinar os camponeses a escrever e a ler algumas palavras e para prescrever as regras de sanidade e higiene (de como lavar os dentes, ou cortar as unhas...), esquecendo-se porém de que perto de onde falavam havia muitas vezes estrumeiras, de que as casas dos camponeses não tinham esgotos nem canalizações, etc.

Defendemos sim, que as campanhas ~~xxxxxxxx~~ não devem ser desligadas da realidade social onde se inserem, não devem ser desligadas do prin-

cípio que diz "ser aluno antes de ser mestre" e aprender com o povo o seu trabalho, os seus ideais de luta e as suas justas aspirações para que melhor possamos lutar por um ensino ao serviço do povo e colocar-mo-nos ao seu lado na concretização das suas justas reivindicações.

A comissão pró-UNEP é outra das questões levantadas pelos ex-"dirigentes" reformistas. Como é que a Direcção encabeçada pelo Sr. ex-Presidente enviou delegados para essa tal comissão sem que para isso tenha consultado os estudantes numa única reunião sequer?

Para-nos e nós, Sr. ex-Presidente que se preocupava menos com os estudantes do que em defender as propostas do MEC e do destacamento estudantil do partido do dr. Cunhal que - segundo afirma - "nada tinha a ver com a anterior Direcção".

Podiam ser dados outros exemplos da traição dos reformistas às lutas estudantis, embora estes já sejam suficientes para vermos os interesses que estes "senhores" prosseguem e comb, na realidade, eles estão contra os estudantes e as suas iniciativas progressistas.

Nunca os estudantes de Coimbra ao demitirem os reformistas da direcção da A.A.C. se importaram muito com eles terem ou não cumprido o programa apresentado; os estudantes sim puseram sim em causa o carácter reformista desse programa, desmascarando-o.

O antigo presidente da direcção da A.A.C. não deixou ainda de aproveitar a oportunidade de lançar a confusão ao pretender identificar os elementos da actual Direcção provisória da A.A.C. (comp^osta por elementos dos Núcleos Sindicais) com o grupo de elementos afectos ao M.R.P.P. . É fã-lo porque?

Fã-lo porque também tem perfeita consciência do isolamento desse grupo em relação às massas populares em geral e estudantis em particular.

Com efeito, no seio do movimento sindical em Coimbra, uma corrente progressista caracterizada por uma linha de actuação anti-reformista desenvolveu um trabalho constante desenrolando um processo em que as posições traiçoeiras dos reformistas iam sendo sucessivamente desmascaradas a nível de largos sectores de estudantes o que viria a culminar com a demissão massiva e sem margem para dúvidas (cerca de 800 votos contra perto de 300) da lista dirigida pelo senhor ex-presidente Carlos Amorim. Esta demissão foi o resultado dum tomada de posição consciente e quando elegeram a actual direcção provisória os estudantes certamente tiveram em conta a actuação dos Núcleos Sindicais não só no processo concreto de demissão da direcção reformista mas dum modo geral em todos os processos que em Coimbra se desenrolaram até mesmo antes do 25 de Abril.

Pela Direcção - Actual - Provisória
Carlos Manuel Alexandre Delgado
José Manuel Ribeiro de Sousa Furtos